

## O Significado da Solidão

Richard Roll

A solidão é um sentimento humano provocado pela situação de “estar só”. Esta é a definição mais simples de solidão, mas nós podemos derivar muitas questões e conclusões a partir delas. Ela pode ser o ponto de partida para compreendermos o significado da solidão.

O primeiro ponto que devemos destacar é que a solidão é um sentimento humano, ou, para ser mais exato, especificamente humano. Isto significa que os animais não sentem solidão. Isto ocorre porque eles não se diferenciam da natureza, não possuem consciência. O ser humano, ao contrário, possui consciência, tanto consciência de si quanto consciência do que lhe cerca, os outros seres humanos, a natureza. É por isso que ele pode desenvolver o sentimento de solidão.

Entretanto, esta separação entre ser humano e natureza é superada pela associação que o primeiro faz e, desta forma, funda a sociedade humana. Na sociedade, o indivíduo se sente unido aos outros e não se sente só. Ora, se o sentimento de solidão só ocorre na situação de “estar só” e o ser humano vive em sociedade, então o mais correto é pensar que é impossível existir tal sentimento.

Esta conclusão, no entanto, pode ser enganosa. Na verdade, o sentimento de solidão se refere ao “estar só” apesar de se viver em sociedade. Aqui cabe uma pergunta: a solidão é um fenômeno que ocorre em todas as sociedades? A resposta, certamente, é negativa, pois as análises de diversas sociedades demonstram a ausência de qualquer expressão desse sentimento. Além disso, na nossa própria sociedade, existem indivíduos que não possuem tal sentimento. Por conseguinte, podemos dizer que o fenômeno da solidão não é universal e que não é um problema de caráter existencial.

A reflexão desenvolvida até aqui nos aponta para uma direção: o sentimento de solidão só é constituído em determinadas condições sociais. Historicamente, o

sentimento de solidão surge em sociedades onde se instaura uma oposição entre indivíduo e coletividade. Desde a pré-história, o indivíduo possui consciência de si – que é expressão da consciência social – e consciência da alteridade, mas só em determinado momento histórico é que a consciência de si e da alteridade se torna um peso para o indivíduo e assim surge o sentimento de solidão.

Isto ocorre em sociedades que são dilaceradas por suas contradições internas. Nas sociedades onde a vida social torna-se conflituosa ocorre o nascimento do sentimento de solidão. A gênese da solidão se encontra na formação de sociedades conflituosas. Não se trata, no entanto, do conflito entre um indivíduo e a sociedade, mas sim entre um indivíduo em relação outros indivíduos. Mas porque em determinadas sociedades isso ocorre e quais são elas? Isto ocorre porque nas sociedades conflituosas a necessidade de associação entra em contradição com os interesses dos indivíduos que a compõe. A necessidade de associação é, principalmente, uma necessidade produtiva (“econômica”) e afetiva. Os seres humanos são constrangidos a se associarem para enfrentarem os desafios da natureza e garantir sua reprodução material e social. Além disso, essa associação se torna uma necessidade em si mesma. Devido ao desenvolvimento de sua consciência e a conseqüente separação entre eles e a natureza, os seres humanos desenvolvem uma necessidade afetiva de se associarem.

Nas sociedades pré-históricas ou nas atuais sociedades indígenas ainda não aculturadas existentes, o interesse coletivo não contradiz os interesses individuais. Elas são sociedades “homogêneas”. A partir do momento em que surge a divisão social, quando a homogeneidade é suplantada pela heterogeneidade, cria-se os interesses de grupos de indivíduos que rompem com a existência de um interesse único na coletividade. Surgem, assim, os conflitos sociais, e, com estes, aparece o sentimento de solidão. É com a ascensão das sociedades divididas em classes sociais que surge a oposição entre indivíduo e “sociedade”, ou melhor, entre grupos de indivíduos, e, conseqüentemente, o sentimento de solidão.

A instauração do conflito social coloca o indivíduo num conjunto de relações sociais marcado pelo confronto, pela luta, pela oposição a outros indivíduos. Acontece que se pode tentar fugir dessa situação em uma sociedade conflituosa criando-se, no seu

interior, uma comunidade, ou seja, um espaço não-conflituoso num meio conflituoso. Este, sem dúvida, é uma das razões que levam muitos indivíduos a aderirem a seitas ou outros tipos de agrupamentos coletivos (na nossa sociedade, temos os exemplos dos partidos políticos, principalmente os de concepções políticas burocráticas e autoritárias, bem como “comunidades alternativas”, grupos de jovens, etc.).

Outra forma de busca de superação da solidão, na sociedade capitalista, é o amor romântico, no qual, como Romeu e Julieta, o indivíduo se entrega totalmente, até sua vida, ao outro, assim se reintegrando na humanidade, depois de se separar da sociedade e da humanidade. Essa forma de superação da solidão surte efeitos parciais em muitos casos, mas sua duração é geralmente temporária, pois a vida amorosa no capitalismo é marcada pelo desgaste e envolvimento nas contradições inevitáveis do mundo circundante. A recusa do outro de realizar esse desejo de integração com o vínculo amoroso pode gerar o desespero e até o suicídio. O amor romântico é uma criação da sociedade burguesa, mas tem um aspecto verdadeiro, pois os laços afetivos são variados e o vínculo amoroso com o sexo oposto gera uma forma de afetividade que permite uma realização do ser humano num intercâmbio singular, desde que livre dos processos sociais da sociedade capitalista. O problema do amor romântico é quando ele se torna um castelo kafkiano, uma ilha habitada apenas por dois, no qual o casal vive seu egoísmo em dupla, se afastando dos demais seres humanos e outros vínculos afetivos necessários, o que provoca sua própria deterioração.

Além da busca da comunidade e do amor romântico, existe uma forma de escapar da solidão ou criar condições para suportá-la, que funcionam como compensação. A realização de outras necessidades humanas, especialmente a criatividade, o desenvolvimento das capacidades intelectuais, entre outras possibilidades, possuem um efeito positivo para os indivíduos solitários ou relativamente solitários. A figura do jovem tímido e demasiadamente inteligente é muito popular e suficiente para ilustrar esse processo. A associação com os outros seres humanos é uma necessidade radical do ser humano, assim como a concretização de suas potencialidades. A realização das potencialidades, mesmo que parcialmente, compensa a falta de realização da necessidade de associação. Porém, como isso é extremamente

difícil e parcial na sociedade burguesa, então a não-realização das potencialidades humanas gera uma necessidade de associação ainda mais intensa (inclusive, muitas vezes, sob formas doentias, tal como no caso da possessividade).

Quando as formas de superação da solidão falham, quando as formas de compensação falham, o indivíduo se vê destruído, solitário. É nesse contexto que surgem formas para suportar a solidão, como as drogas, os vícios, a destrutividade. Quando nem isso se manifesta, a autodestruição, através do suicídio, é uma alternativa que aparece para o indivíduo solitário como possível e real. A solidão é um fenômeno social destrutivo. A solidão é a destruição da harmonia e integração do indivíduo na sociedade e gera a destruição individual.

Podemos dizer, entretanto, que, nas sociedades conflituosas pré-capitalistas, o sentimento de solidão era muito mais restrito que sob o capitalismo. Isto ocorre devido a um conjunto de características dessa sociedade que reforçam a oposição entre indivíduo e “sociedade”. A ampliação da divisão social do trabalho e dos conflitos sociais derivados dela, a alienação, a competição social, a superavaliação ideal do indivíduo (o “individualismo”), o predomínio do racionalismo e desvalorização dos sentimentos, o consumismo, o desenvolvimento da comunicação indireta (meios de comunicação) em detrimento da comunicação direta, o fetichismo da mercadoria e a mercantilização das relações humanas, etc.

Portanto, é na sociedade capitalista que o sentimento de solidão se expande no que se refere à quantidade quanto à intensidade. Por isso, podemos dizer que a solidão não é uma questão puramente existencial, mas é uma questão fundamentalmente social e política. A solidão é o resultado do mal-estar social. A partir disto reconhecemos que o fenômeno da solidão é um problema social e político. Também podemos observar que um indivíduo solitário pode superar sua solidão, mas a sociedade capitalista não pode superar o fenômeno da solidão. Enquanto a sociedade se manter sob o domínio do capital, a solidão permanecerá atingindo enorme massa de pessoas. O indivíduo solitário que busca superar sua solidão pode consegui-lo, mas devemos ressaltar que isto é parcial e pode ser temporário, pois os conflitos sociais e a degradação humana imposta pela sociedade burguesa acabam interferindo em todas as “comunidades” (religiosas,

políticas, esportivas, afetivas, etc.) e em todas as relações sociais e isto pode provocar u rompimento com a harmonia anteriormente existente e o “estar só” volta a ser uma realidade.

Como, pois, superar a solidão como fenômeno coletivo (o que significa, simultaneamente, superá-lo totalmente como fenômeno individual)? A resposta é óbvia: superando a sociedade que lhe produziu. E enquanto isso não ocorre? Devemos unir a luta coletiva pela superação do fenômeno coletivo da solidão, ou seja, pela superação da sociedade capitalista, com a luta individual pela superação do fenômeno individual da solidão. Como fazer isto? Para abolir esta sociedade é necessário constituir outra e esta outra nasce no interior desta. Esta nova forma de associação surge no interior da velha sociedade e ela se caracteriza por superar a superficialidade e a falsidade das relações sociais burguesas e por instaurar uma nova dinâmica social, baseada na autonomia, solidariedade, interesse coletivo. Essa forma de associação já surgiu e ressurgiu em vários momentos na história da sociedade capitalista, mas, no interior desta sociedade, sempre ser destruída ou corrompida. Trata-se da associação operária. Os trabalhadores, no percurso de sua luta, associam-se para enfrentar o capital e criam novas relações sociais antagônicas às relações conflituosas da sociedade capitalista. É claro que existe o conflito e é este que faz surgir essa nova forma de associação, mas não se trata de conflito interno e sim externo, entre duas formas de associação: a burguesa e a proletária.

Mas, eis a última questão que se pode colocar, e aqueles que não são operários? Para alguns, o partido político aparece como a forma de associação dos indivíduos revolucionários não-proletários (que pode, no entanto, possuir operários no seu interior). Contudo, os partidos são apenas reprodutores da associação burguesa e não podem ser uma alternativa a ela. Cabe aos indivíduos revolucionários inventar sua própria forma de associação. Esta já tem um protótipo que é a forma de associação que fornece o conteúdo da nova sociedade: a associação operária ou os conselhos operários. Se os partidos políticos reproduzem a sociedade burguesa (com todas as suas características: competição, burocracia, conflito, luta pelo poder, etc.), o movimento revolucionário deve reproduzir a associação operária (com todas as suas características: solidariedade,

autogestão, harmonia, luta pela libertação humana, etc.). Portanto, se o “embrião” da nova sociedade surge da luta autônoma do proletariado, o movimento revolucionário deve, na sua própria prática, criar novos “embriões” e ser ele mesmo um “embrião” da sociedade comunista e assim colaborar efetivamente com a formação da “associação revolucionária dos produtores” e com isso abolir a solidão tanto como fenômeno individual quanto como fenômeno coletivo. Este movimento deve, não esquecendo a possibilidade de sua própria degeneração por estar “cercado” pela sociedade capitalista (e de não se concretizar plenamente, pois é uma associação de luta, contra o capital, e, portanto perpassado pelo conflito externo), criar, então, uma nova forma de associação que rompa com a associação burguesa e que abra espaço para o fim da solidão como fenômeno individual e colabore com a transformação social e, conseqüentemente, o fim da solidão como fenômeno coletivo.